

O ARQUÉTIPO DA SOLIDÃO NAS RELIGIÕES: UMA LIGAÇÃO ENTRE O SAGRADO E O PROFANO

Bárbara Raffaelle Carvalho Santos*

Resumo: Este trabalho pretende apresentar através do método comparativo um arquétipo presente em diversas religiões, um ponto de encontro das diversidades. Um arquétipo consiste nas impressões sobre determinados símbolos de modo coletivo. Mostraremos aqui, que a solidão se apresenta como símbolo de destaque nas significações religiosas. Além disso, faremos uma relação entre o sagrado e o profano destacando figuras apartadas da religiosidade que apreciam e aconselham a solidão para o desenvolvimento humano. Filosofia, literatura e história estão repletas de solitários e solitárias que se destacam e são fatores de reflexão. Para o embasamento teórico utilizaremos autores como Nietzsche, Jung e Mircea Eliade.

Palavras-chave: Solidão. Sagrado. Profano. Religião. Filosofia.

THE ARCHETYPE OF SOLITUDE IN RELIGIONS: A LINK BETWEEN THE SACRED AND THE PROFANE

Abstract: This work intends to present, through the comparative method, an archetype present in different religions, a meeting point in diversities. An archetype consists of impressions of certain symbols collectively, we will show here that loneliness is a prominent symbol in religious meanings. In addition, we will make a relationship between the sacred and the profane, highlighting figures apart from religiosity, they also appreciate and advise loneliness for human development. Philosophy, literature and history are full of loners who stand out and are factors for reflection. For the theoretical basis we will use authors such as Nietzsche, Jung and Mircea Eliade.

Keywords: Loneliness. Sacred. Profane. Religion. Philosophy.

Introdução

Na contemporaneidade estamos acostumados a compreender a religião por um viés racional e político. Há inúmeros problemas na religião utilizada desta maneira, pois os governantes e líderes influentes veem na religiosidade um fator de poder, isto porque, os discursos que surgem no meio religioso são elementos de manipulação político-

* Mestranda em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bolsa de fomento CAPES. E-mail: barb.dharma@gmail.com.

econômica. Este é um assunto tratado por diversos filósofos e sociólogos, entretanto neste texto será trabalhada a subjetividade das religiões em sua diversidade, seus símbolos e sua significação. As outras interpretações com suas problemáticas não são descartadas, mas foram feitos outros recortes em âmbitos distintos neste trabalho.

Dessa maneira, o intuito deste texto é apresentar um ponto de encontro entre as vivências religiosas a partir de um arquétipo, um símbolo interpretado por um coletivo e sua significação. O arquétipo que será trabalhado é a solidão e sua interpretação, seja positiva ou negativa, em diversas religiões e épocas. Além disso, será mostrado que esse arquétipo aparece também em inúmeras figuras profanas que vivenciam ou aconselham a distância das multidões que muitas vezes representam uma enfermidade interna.

Para isso, será utilizada a definição de arquétipo explicada por Jung no livro *O homem e seus símbolos*. Nesta obra, escrita por ele e outros psicanalistas, o teórico explica o inconsciente e a comunicação entre este e o consciente de cada sujeito. Assim, na visão do teórico, é reducionista enquadrar a vida humana somente na hiper racionalidade. Muitos entendem isso como um desprezo à lógica ou às ciências exatas, porém isto é um equívoco. Os teóricos que falam sobre religiosidades e suas subjetividades apenas veem como âmbitos distintos da vida a razão e as significações simbólicas, mas não como excludentes.

O arquétipo é uma tendência a formar essas mesmas representações de um motivo – representações que podem ter inúmeras variações de detalhes – sem perder sua configuração original. [...] O arquétipo, na realidade, uma *tendência* instintiva, tão marcada como o impulso das aves para fazer seu ninho e o das formigas para se organizarem em colônias. É preciso que eu esclareça aqui a relação entre instinto e arquétipo. Chamamos de instinto os impulsos fisiológicos percebidos pelos sentidos. Mas, ao mesmo tempo, estes instintos podem também manifestar-se como fantasias e revelar, muitas vezes, a sua presença apenas por meio de imagens simbólicas. (JUNG, 2017, p. 83)

Na obra, Jung aponta diversos equívocos que outros teóricos tiveram sobre o termo arquétipo, muitos entenderam como um tipo de mitologia que excluía as peculiaridades subjetivas, outros que era um símbolo construído conscientemente, e alguns entenderam como algo transmitido hereditariamente. Todavia, o autor explica que as imagens arquetípicas são tendências do instinto, isto é, uma predisposição do inconsciente de manifestar alguns símbolos que apontam para o mesmo motivo, apesar

das peculiaridades. Logo, eles não podem ser construídos conscientemente, do contrário não causariam tanto espanto, por exemplo, nos sonhos e suas interpretações. Entende-se como arquétipo então, as imagens criadas no inconsciente que possuem pontos de encontro nas mais diversas religiões. Um exemplo disso, é a inundação como fator de mudança, destruição e reconstrução em religiões distintas utilizadas até mesmo pela arte cinematográfica.

Além disso, a partir da obra *O sagrado e o profano* de Mircea Eliade será elucidada a profunda conexão que há entre a vida profana e a vida religiosa, apesar de parecerem âmbitos tão distintos. Muitos costumes cotidianos da vida moderna e contemporânea estão atrelados ao modo de vida sagrado e suas simbologias. Apesar do homem moderno se entender inteiramente como racional, há uma parte em que se encontram suas vontades e impulsos inconscientes, portanto, sua solidão pode ser interpretada como um local de desenvolvimento interno do qual os seres humanos precisam, por inúmeros motivos distintos.

A teoria de diversos filósofos e sociólogos coloca a solidão como forma de crescimento intelectual ou a veem como um problema, o que demonstra a centralidade do tema, mesmo com divergências nas discussões. Autores como Spinoza, Camus, Schopenhauer e Nietzsche colocam a solidão como a experiência de descoberta, o silêncio nesse aspecto da vida, mesmo que em meio a um aglomerado de outros contribui para as discussões internas e profundas. Neste texto, será utilizado em conjunto às obras supracitadas algumas interpretações nietzschianas sobre a solidão, suas mazelas e grandezas.

Apesar das controvérsias sobre a solidão, é possível identificá-la em várias mitologias, o interessante é que mesmo quando as sociedades prezavam pela vida social, como na pólis grega, em suas histórias mitológicas a solidão aparece entre os deuses e entre os heróis, muitas vezes como algo extremamente necessário para a trama. É na solidão que alguns deuses e deusas acolhem ou lutam contra seus destinos trágicos e tem que enfrentar seus maiores medos. Não só nas mitologias gregas aparecem o arquétipo da solidão, este também é presente no pensamento judeu, no cristianismo e outras inúmeras narrativas simbólicas. Há uma ambiguidade na interpretação da solidão,

pois pode ser vista como um castigo para o judaísmo e o cristianismo, mas ao mesmo tempo, é o estado de espírito para se encontrar mais próximo da presença divina.

Como assunto filosófico os autores também divergem bastante, podemos perceber como a época e a sociedade influencia o modo como a solidão é colocada em perspectiva. Na Antiguidade a solidão é vista como um sintoma da misantropia, isto é, quase como um diagnóstico de enfermidade daqueles que odeiam e se apartam da presença dos outros. O ser humano é visto nessa época como um animal social e político, a vida só é completa na convivência em sociedade, tanto Platão como Aristóteles concordam nesse ponto. Apesar disso, Diógenes, o cínico, que nem mesmo escreveu, foi um defensor da solidão, divergindo de sua época. Assim, ficou conhecido por seu modo de vida peculiar, pois se afastou de tudo que considerava convenção humana. Para ele a convivência e suas regras traziam muitas perturbações, e preferiu viver fora da cidade pedindo esmolas dentro de um barril, somente suprindo as necessidades básicas como os cães, ao invés de participar de debates incessantes e cumprir as convenções da pólis.

Compreende-se então que, seja para a religião ou para a filosofia, a solidão é algo que gera oposição e conexão entre os pensamentos, e é um tema caro para ambos. Normalmente, entende-se a filosofia como uma quebra com as crenças religiosas, entretanto encontram-se convergências nelas, não é como se os símbolos religiosos desaparecessem com o advento da razão. Portanto, consideramos que os dogmas inquestionáveis que distinguem discurso racional e mitologia, pretendem mostrar que nas narrativas religiosas existem também questionamentos filosóficos e argumentos simbólicos na filosofia. As figuras mitológicas já se questionam e vivem em conflitos internos em sua solidão, e o discurso racional se utiliza de metáforas. Neste trabalho, mostraremos a religião em sua pluralidade e fluidez diferente da imposição religiosa que aconteceu em muitas épocas, como na Idade Média.

Sagrado ao Profano: distinções e pontos de encontro

O autor Mircea Eliade (1992) distingue duas formas de ser no mundo, sendo uma sagrada e outra profana. A primeira possui muitas minúcias, como por exemplo, os

locais sagrados, seja um templo, um terreiro, onde ocorram os ritos de determinada religião. Enquanto o profano seria destituído de significação sacra, não ocorrem repetições ritualísticas ou uma interpretação cosmológica.

Até mesmo o tempo que parece comum a todos tem singularidades que dividem o profano e o sagrado, um calendário oficial se diferencia dentro da sacralidade, pois representa reconstruções míticas, existindo determinados dias que marcam cada cosmologia. É possível entender isso observando que as datas se distinguem para as religiões no dia de determinado santo, assim como os orixás, o dia dos mortos ou até mesmo datas que marcam algum acontecimento mítico. Então, as festividades religiosas são um modo dos seres humanos se aproximarem dos deuses, e só são repletas de sentido para aqueles que fazem parte dessa construção, ou seja, repetir a cosmogonia através dos ritos, utilizando a mitologia como exemplo para o modo de vida conforme sua fluidez, atualizando esses mitos.

Para a religião e os seus seguidores há um vínculo entre ser humano, natureza e os deuses. Por exemplo, em seus rituais de fertilização da terra e as épocas de plantios. Há como exemplificação as festividades da Grécia antiga à Dioniso em comemoração à vindima, por isso as festas eram regadas a vinho nas primeiras dionisíacas que aconteciam em campos fora da cidade, ou seja, festas rurais, que depois se modificaram e se tornaram festas oficiais das cidades, onde além de ter vinhos e festivais, aconteciam as competições de apresentações trágicas. Entende-se então, que além de a natureza e o homem estarem ligados aos deuses em todos os acontecimentos, existem fluxos que adaptam o ritual ao ambiente e modo de vida humanos.

Portanto, seria errado pensar que as mitologias são rígidas e imutáveis, pois, elas se acomodam aos costumes e ao ambiente humano, se conformam até mesmo à arquitetura de determinado local. Assim, quando os modernos (principalmente positivistas) categorizam a religião como ultrapassada, ou mesmo que o tecnicismo exclui as mitologias, e faz com que o ser humano evolua, eles desconsideram todas as técnicas criadas por povos originários e a racionalidade ancestral. Os modernos confundem a linguagem do que é racional e o que é simbólico, então escolhem um como superior ao outro. Os povos mitológicos não eram ignorantes, apenas colocavam sentido, muitas vezes estético, em suas atividades cotidianas.

Para o ser humano profano, esses locais e datas significativas ao religioso são superstições, não veem necessidade desses símbolos no cotidiano. Logo, os ambientes, o tempo, as vestimentas, o alimento e o trabalho são somente atividades sem sentido, e nenhum possui maior significação que o outro. Os homens modernos, assim, se veem separados da natureza, como se tudo pudesse ser modificado ao seu próprio gosto sem regras intrínsecas às existências fora deles. Por isso, pode-se perceber uma ligação dos religiosos, principalmente os que possuem cosmologias imanentes, com os ciclos naturais não só dos seres humanos, mas de tudo que o cerca, como os rios, as plantas e os outros animais. Enquanto isso, o profano se vê como possuidor de todos esses seres.

É importante distinguir o que seria religião imanente e religião transcendente para entender o motivo da aproximação ou afastamento dos seres humanos com a natureza. Sendo assim, religiões transcendentais são aquelas que entendem o mundo divino como incorpóreo e valorizam mais uma vida pós morte do que as materialidades existentes, por isso não há uma proximidade com os ciclos naturais apesar de se entenderem como criações divinas, muitas vezes desprezam o corpo e seus prazeres, como é o caso do cristianismo. Portanto, é mais comum que as religiões transcendentais sejam ascéticas e culpem o corporal, os instintos e a animalidade.

Contrariamente, a religião imanente diviniza as coisas corporais e materiais, por isso, se vê como parte desses ciclos que o restante da natureza participa, os animais, as plantas, a chuva, a reprodução, são todos parte de sua cosmogonia. Logo, há uma maior preocupação com o modo como o ser humano participa desses ciclos, como a caça, o plantio, entre outros que não podem acontecer de modo que modifique completamente essas vidas, como mudar completamente o curso de um rio, infligir uma devastação em massa de árvores e animais. Ambas as religiões se consideram parte de uma cosmologia, seja ela politeísta ou monoteísta, e os dois tipos também possuem ritos de passagem dentro de seus modos de vida. Estes rituais garantem uma transição entre várias fases da vida, como a transição da juventude para a fase adulta, casamentos, nascimentos, rituais de luto, entre outros. Tais aspectos são importantes por dar significação às realizações humanas.

Em distinção a essas religiões temos a vida comum que não delinea esses aspectos com grande importância, apesar de existir atestados para nascimento e morte,

as pessoas não têm o tempo subjetivo e significativo para lidar com tais acontecimentos. Além disso, não se compreende o sentido de tornar-se adulto em um mundo que se resume ao consumo e relações corriqueiras entre os seres humanos. Gera-se assim, um niilismo, uma falta de sentido para a existência, até esse ponto seria compreensível, entretanto os homens presos a essa ausência de significado se agarram à angústia que os faz inertes ou rebanhos.

Apesar disso, religião e vida comum ainda se entrelaçam, o homem a-religioso que se entende como profano e desprovido de significado ainda é proveniente do homem religioso, que possuía ritos e mitologias. Dessa maneira, muitos costumes e comportamentos do homem comum é uma repetição inconsciente desses rituais. Assim, Eliade percebe essas nuances nas ações humanas que ainda guardam resquícios da vida religiosa e de seus rituais.

Em outras palavras, o homem profano, queira ou não, conserva ainda os vestígios do comportamento do homem religioso, mas esvaziado dos significados religiosos. Faça o que fizer, é um herdeiro. Não pode abolir definitivamente seu passado, porque ele próprio é produto desse passado: É constituído por uma série de negações e recusas, mas continua ainda a ser assediado pelas realidades que recusou e negou. [...] A maioria dos “sem religião” ainda se comporta religiosamente, embora não esteja consciente do fato. Não se trata somente da massa das “superstições” ou dos “tabus” do homem moderno, que têm toda uma estrutura e uma origem mágico religiosas. O homem moderno que se sente e se pretende a-religioso carrega ainda toda uma mitologia camuflada e numerosos ritualismos degradados. Conforme mencionamos, os festejos que acompanham o Ano Novo ou a instalação numa casa nova apresentam, ainda que laicizada. (ELIADE, 1992, p. 98)

Então, o profano carrega ainda consigo rastros dos comportamentos sagrados até mesmo em coisas comuns do dia a dia. Podemos colocar alguns exemplos desses comportamentos, como o citado por Eliade da passagem de um ano ao outro e sua comemoração. Mas, é possível apontar vários outros, seja ter o costume de repetir algum hábito em algum dia da semana, como religiosamente assistir futebol às quartas ou mesmo a comemoração do dia do nascimento de uma pessoa, mas também o modo de preparo das comidas, assim como ir ao bar, frequentar o cinema, o teatro e ouvir músicas que remetem aos sentimentos humanos.

Desse modo, sabemos que alguns hábitos serão um ponto de encontro no sagrado ou no profano. Apontamos aqui a solidão como um ponto de encontro, uma ação que o profano absorve do sagrado. Na atualidade existem retiros para que os seres humanos possam se desvencilhar das multidões modernas que se refletem nas tecnologias, nas redes sociais e nos ruídos incessantes que cercam as pessoas. Na antiguidade haviam homens e mulheres que escolhiam viver como eremitas, santos ou peregrinos, para se aproximarem das coisas divinas, cumprindo uma missão e um sentido religioso.

Com isso, entendemos a solidão como um arquétipo junguiano e como uma interseção entre o sagrado e o profano. Isto porque, a solidão agrega sentido para a vida tanto do homem moderno como da vida do homem religioso. Então, a solidão tem um grande encargo na atribuição de significado e construção dos seres humanos, mesmo que, em diferentes formas de ser no mundo.

Entretanto, é importante ressaltar que Eliade vê o homem moderno desprovido de fortes sentidos nas principais passagens humanas, como o luto. Para ele, o homem religioso está melhor resguardado internamente do que o a-religioso, por ter uma fonte maior de significação, chamada por Jung de inconsciente coletivo ou imaginário coletivo. Portanto, os ritos e repetições religiosas fariam com que esse homem religioso soubesse lidar melhor com os fatores instáveis da vida, como a morte, o nascimento, o crescimento, e mesmo o estar só.

Assim, essa solidão para o homem religioso, mesmo em meio a loucura de um deserto cheios de delírios, se torna um contato com os deuses, revelações divinas e enigmas proféticos. Enquanto isso, o homem moderno padeceria, talvez pela ausência de sentido das dores, obstáculos de um deserto, ou ambiente desabitado. A contemporaneidade reivindica praticidade e utilidade, a solidão pode não cumprir os requisitos impostos pelos padrões sociais e econômicos do modo de vida ocidentalizado.

Para entendermos melhor esses pontos de divergências e convergências entre os solitários, no âmbito sagrado e no profano, explicitamos figuras na mitologia, na literatura, ou ainda, em meio à história da humanidade que traduzem a solidão e a construção de sentido à vida humana de diversas maneiras. Tais exemplificações,

mostram o caráter múltiplo desse arquétipo, pois pode ser entendido como castigo ou dádiva.

Exemplificações em narrativas conhecidas

Na mitologia grega, há a conhecida história de Narciso, com inúmeras versões, mas em todas a morte da personagem se dá quando se depara com a própria imagem e se apaixona. Pode parecer no primeiro contato com a narrativa que isto nada tem a ver com o arquétipo da solidão, entretanto mostraremos qual o aspecto solitário que aparece nesse mito. Deparar-se com a própria figura é uma forma de encontrar-se com um “si mesmo” interior, questionar-se sobre as construções recônditas.

Narciso
Niño.
¡Que te vas a caer al río!
En lo hondo hay una rosa
y en la rosa hay otro río.
¡Mira aquel pájaro! ¡Mira
aquel pájaro amarillo!
Se me han caído los ojos
dentro del agua.
¡Dios mío!
¡Que se resbala! ¡Muchacho!
... y en la rosa estoy yo mismo.
Cuando se perdió en el agua,
comprendí. Pero no explico.¹
(LORCA, 1986, p. 24-25)

Na época dos filósofos antigos o pensamento que predominava era o de que o homem era um animal social, portanto, eram acusados de misantropia todos aqueles que escolhiam uma vida solitária. Apesar das divergências presentes nas teorias de Platão e Aristóteles, ambos defendiam a vida comum e o interesse pela sociedade, mas ainda assim pensavam nas virtudes dos homens separados do âmbito social. Não obstante, nas histórias mitológicas gregas há a presença da solidão nas narrativas heroicas, anterior à filosofia dos autores, mas ainda bastante presente na cultura helênica.

¹ Tradução livre: Narciso- Menino, Vais cair no rio! No fundo há uma rosa e na rosa há outro rio. Olha aquele pássaro! Olha aquele pássaro amarelo! Caíram-me os olhos dentro d'água. Deus meu! Ele escorrega! Menino!... E na rosa estou eu mesmo. Quando se perdeu na água compreendi. Mas não explico.

Assim, os gregos defendiam que ao ser humano a vida em sociedade é imprescindível, mas na vida animal, ou dos deuses, havia permissão ao isolamento. Então, é simbolicamente que se expressam as narrativas da solidão, onde os maiores enfrentamentos são exigidos dos heróis. Entre eles se encontra Narciso, cujo desprezo por aqueles que se apaixonaram por ele se tornaram seu fatalismo, ao ser amaldiçoado a amar alguém que nunca o corresponderia. Dessa maneira, sua descoberta de si nas águas fazem a derrocada de sua vida. Eco tenta salvá-lo, mas está impedida, visto que, tudo que consegue fazer é repetir tudo que Narciso diz. Portanto, o destino de Narciso é se afogar indo ao encontro de si e morrendo, de sua morte nascem as belas flores ao redor do lago.

Um ponto de vista bastante explorado para tal solidão de Narciso seria o de castigo moral, onde seu ego se sobressai. O desinteresse pelo outro teria condenado ele à morte. Por isso, muitas vezes o adjetivo narcísico é utilizado como depreciativo. Assim, nessa perspectiva, a solidão carregaria culpa e consequências catastróficas. Porém, autores como Jung e Eliade mostram que para simbologia religiosa, a moral ou a lógica, não estão presentes nas narrativas, apesar de fundamentarem algum tipo comportamento moral para os seres humanos, assim como nos sonhos, as mitologias narram através de construções que comunicam com a parte inconsciente do ser humano. Desse modo, é desnecessário que a interpretação se prenda em uma advertência moral.

No poema de Lorca percebemos que Narciso se perde na água, mas se encontra na mesma. A compreensão vem a partir disso, que ele se nega a explicar. Uma chave de interpretação seria o herói finalmente encontrando a si mesmo, apesar de sua aniquilação, o amor-próprio nessa perspectiva se torna valorizado e se transforma em flor. A água da qual Narciso se espelha é onde ele finalmente entende a si próprio, vislumbrando como está só no mundo, transfigurando-se em algo belo. Entender-se é também um desprendimento para com o externo, a personagem sacrifica sua subjetividade para tornar-se aquilo que é, e na rosa finalmente pode visualizar sua verdade. O caminho da vida é solitário, a morte é solitária, mesmo em meio à sociedade.

Pode parecer impossível falar de perda da subjetividade quando o assunto é a solidão. Afinal, estar só é um individualismo exacerbado ou demanda outros fatores? O argumento que se coloca aqui é contrário a esse, defendendo que no individualismo ainda

há um rebanho, onde o maior interesse é mostrar-se como totalmente independente ao outro. Dessa maneira, o que importa ainda são olhos externos, diferente da imagem de Narciso onde tudo que ele encontra é sua própria imagem, e então se entrega ao dilacerar-se. O símbolo da solidão, representaria então, autenticidade e perda do temor da destruição, pois se encaram os sofrimentos e a morte. Além disso, é um ambiente propício à criação, pois a rosa que surge é a construção que nasce do que foi derrubado, tal qual um renascimento.

Ao que parece, muitas das narrativas em que a solidão está presente estão diretamente ligadas à consciência de si, ao conhecimento e ao martírio. Na Grécia, temos inúmeros desses exemplos. Prometeu é uma personagem que ao enganar Zeus, e roubar seu fogo, é condenado ao castigo eterno acorrentado em uma rocha onde uma águia (ou abutre) se alimentava diariamente de seu fígado. Portanto, o destino da solidão na tragédia parece estar também vinculado a grandes feitos, ainda que em meio a conflitos entre os deuses. Por ser uma religião imanente os deuses apresentam características humanas e vice-versa, não se separa a genealogia divina da vida comum. Assim, os helênicos, ao verem dentro de si o conhecimento, vislumbraram alguma condenação nele e na responsabilidade humana, assim espelharam tais características em Prometeu acorrentado, colhendo a cada dia os frutos de sua consciência da verdade, totalmente sós.

Uma narrativa reinterpretada por Albert Camus (1942) é a de Sísifo, homem condenado a carregar o peso do mundo cotidianamente pela eternidade, isto porque, por várias vezes ele enganou a morte voltando sempre do Hades. Dessa maneira, essa personagem em sua solidão carrega esse fardo e, a reflexão que o filósofo suscita dentro dessa narrativa, é uma metáfora que faz da vida. Seu absurdismo propõe que um assunto extremamente filosófico é o da valoração da vida. Assim, vale a pena viver mesmo com o encargo dos sofrimentos que todos carregam sós? Desse modo, Camus trabalha o tema do suicídio, pois Sísifo, mesmo com todos os obstáculos trágicos de sua vida, preferiu sempre a força da vida, mesmo que, por fim, tenha conseguido o que desejava como um destino de dor.

A interpretação do mito de Sísifo pode se dar em inúmeras perspectivas, uma delas é que a infelicidade não vale a eternidade, pois a vida não é justificada nesse caso.

Porém, Camus prefere significar de outra maneira, mesmo que a vida seja absurda, dolorida e injustificável, vale a pena repetidamente carregar o fardo da vida. Assim, ele propõe transformar esse encargo em leveza. Então, o filósofo traz a cosmovisão de uma solidão sôfrega que pode, em simultâneo, ser uma alegria.

O rochedo que Sísifo carregava montanha acima todos os dias rolava ladeira abaixo e sua labuta recomeçava, portanto, seu esforço seria sempre inútil e sem esperanças. O questionamento que se suscita é: como algo tão angustiante e solitário pode se transformar, para Camus, no desejo pela vida? Ninguém poderia contribuir com o destino de Sísifo, por isso, a solidão está mais uma vez na narrativa. Logo, a resposta à reflexão é dada pelo filósofo através de seu embasamento em Friedrich Nietzsche, onde se encontra a vida enquanto pluralidade. A personagem conhece a dor, sozinho em sua tragédia, aceita a cada dia sua vida e então conhece a verdadeira alegria que é mais profunda, pois tem consciência dos abismos.

Afastando um pouco da mitologia helênica, temos inúmeros outros casos onde a solidão simboliza algo importante para a religião. Nos escritos cristãos, temos um Jesus solitário, que conversa com Deus em seu silêncio e afastamento dos discípulos. Além disso, as maiores tentações desse símbolo cristão se deram em meio ao deserto. A trajetória de Jesus é colocada sempre de maneira dúbia, um solitário em sua consciência de suas convicções e em meio a multidões, fazendo suas obras.

A realidade da personagem cristã pode ser comparada com a vida, onde os seres humanos em isolamento sofrem algo angustiante, para a religião esse momento seria a busca por amparo no Deus onisciente do cristianismo. E, ao ter companhia, os homens realizam seus trabalhos, festividades e rituais, assim como Jesus realizava seus milagres, ensinamentos e obras. Apesar disso, o abrigo buscado em Deus em tempos solitários nem sempre é efetivado. O destino de Jesus, como o dos deuses, homens e heróis helênicos, é realizado no isolamento, na morte, o crucificado questiona o abandono de seu pai. O que difere a tragédia cristã da pagã seria o sacrifício transcendente. Isto é, Jesus paga com seu sangue pelos que estavam condenados, já os gregos, sejam deuses ou não, realizavam seus percursos por características, assim como intenções próprias e naturais.

Na Idade Média, muitos foram os eremitas que se espelharam na crença da santidade, e se afastaram da sociedade optando por viver solitários em desertos e prisões. Os padres, sejam eles eremitas ou anacoretas, se lançavam à missão de santidade em meio ao deserto, conjuntamente com a solidão, estava o martírio do corpo, isto porque, o pecado se encontra no corpo para a religião cristã. Portanto, a purificação que esses padres buscavam no isolamento consistia em ultrapassar o corpo, abandonar qualquer tentação, se alimentar somente com o necessário. Além desses padres do deserto, existiam também aqueles que se acorrentavam nas cidades comendo somente o mínimo, flagelando seus corpos com espinhos ou chicotes.

Segundo Minois (2019), esses solitários nunca estavam de fato sozinhos, as suas trajetórias eram ambíguas, pois chamavam a atenção e ascendiam seguidores que desejavam tomá-los de exemplo. Entretanto, a opinião da sociedade da época condenava a solidão, mesmo que esses homens buscassem a santidade, eles não eram vistos de tal maneira, essa condenação se dava porque o isolamento era visto como ambiente propício ao pecado, pois não havia nenhuma vigia que apontasse o erro de tais homens. Outro problema visto pelos medievais foi quanto à utilidade desses solitários à sociedade. Logo, a solidão era interpretada como um empecilho para as obras de caridade, o auxílio aos necessitados e outros feitos sociais.

Apesar da discordância das autoridades cristãs, as pessoas continuavam a se isolar em meio a desertos, em celas e até mesmo em buracos que mais pareciam covas, por isso a Igreja da época resolveu criar mosteiros. Esses ambientes monásticos são úteis à motivação cristã, pois seria uma espécie de solidão vigiada, apesar do silêncio e dos suplícios, era um ambiente de observação entre irmãos. Desse modo, aqueles que resolvessem tentar uma vida de santidade, poderiam se isolar dentro dessas instituições e ainda assim afastarem-se dos pecados corporais. Essa condenação constante do corpo faz parte da religião cristã, por ser uma religião transcendente, diferente da mitologia greco-romana mostrada anteriormente.

Outra visão sobre o solitário é a do *Livro dos mortos* da cultura egípcia, nesta a concepção que se tem acesso é mais sombria, o morto é um ser que percorre o cosmos de forma totalmente só, esse pensamento vai de encontro com as tragédias gregas e os destinos fatalistas. Assim, a solidão é validada de formas distintas dependendo da

religião ligada a esta simbologia. Isso ocorre também com outras concepções, como honra, força, vigor que são valoradas de formas diferentes dependendo da cultura em que estão inseridas.

Nas teorias de Jung e Eliade, o sagrado se reflete na vida comum, projetando-se nos homens que não estão ligados a nenhuma espécie de círculo religioso e mitológico, o que acaba por significar seu cotidiano através de símbolos. Assim, rituais comuns como o de ir sempre a um mesmo parque, ou bar aos fins de semana, mostra como os homens criam suas próprias repetições para que suas vidas tenham certo equilíbrio. O exemplo dado anteriormente parece não ter tanta proximidade dos ritos, entretanto se observarmos, algumas coisas se repetem de maneira quase idêntica, como a dança e o canto como expressão interior. Até agora foram apresentadas diversas ações solitárias nas religiões. A seguir, será mostrado que elas aparecem nos escritos filosóficos, na literatura e na música, mesmo que estes sejam profanos.

Friedrich Nietzsche é conhecido como um grande crítico da religião e da moral. Porém, seu trabalho traz um questionamento, que algumas religiões possuem uma motivação terrena e totalmente mais valorativa da vida do que as religiões transcendentais, como o cristianismo. Seus escritos possuem muitas desconstruções da cultura de sua época e das éticas universalistas. Além disso, o filósofo coloca a parte do consciente humano como um detalhe, a razão para o autor nasce diretamente do corpo. Assim, seus textos valorizam bastante os instintos, possibilitando o espaço para a multiplicidade e para os símbolos não teóricos.

Dessa maneira, repetidas vezes, o autor coloca a solidão como um tema filosófico e relaciona com situações morais diversas. Então, a solidão é uma atitude humana que pode desencadear em fraqueza ou força, até mesmo em ocasiões diversas em um mesmo indivíduo. Assim, a solidão entrelaçada ao ressentimento, à vingança e à culpa proporcionam um agir de rebanho, onde não há crítica, e se condena a própria vida decaindo no pessimismo. Apesar desse aspecto que o autor problematiza, ele se coloca como um solitário que é, simultaneamente, fruto da decadência de sua própria cultura, entretanto a solidão pode ser potencializada para o projeto de uma filosofia trágica, uma filosofia imanente que não exclui as divergências da vida, sendo alegre mesmo com as fatalidades da própria vida.

Nos escritos de um solitário sempre há algum eco, o murmúrio e o olhar tímido da solidão; até de suas expressões mais enérgicas, de seus gritos, surge sempre uma nova espécie de silêncio e de mutismo perigoso. O que, por anos inteiros, de dia e de noite, esteve em conversação e em discussões íntimas, ele e sua alma sozinhos; o que em sua própria cova, que pode ser um labirinto como uma mina de ouro, vem a ser um urso ou um investigador de tesouros, ou um dragão e tutor, todas as suas ideias se revestem de certa dor crepuscular e exalam certo odor de profundidade e de charco, algo de incomunicável e de repugnante. (NIETZSCHE, 2012, p. 252)

Portanto, o trecho mostra como Nietzsche entende a solidão de maneira plural, o mesmo ambiente que se encontra a morte como a cova, é o local onde as dádivas estão. Em seu livro *Assim falou Zaratustra* o autor coloca uma metáfora das transformações humanas para a superação de uma cultura ressentida e sem amor pela vida, são elas a metáfora do camelo, do leão e da criança. Desse modo, o primeiro animal é aquele que carrega todo e qualquer fardo, representando os religiosos dogmáticos que seguem sem nenhum questionamento. O segundo, é a metáfora da força de negar tais fardos, porém mesmo com a força não se consegue criar. Somente a criança que vive entre os desafios e os jogos consegue alegria profunda, sente as dores e alegrias de maneira viva e criativa.

Para a saída do rebanho, é necessária a superação constante do ser humano, conceituado por Nietzsche de super-homem. Essa transvaloração é contínua, sempre com obstáculos. Assim, a filosofia nietzschiana diz que o primeiro passo para essa saída do pensamento de rebanho seria a solidão, onde os seres humanos obtêm espaço para se tornarem aquilo que são. Porém, mesmo em seu *Zaratustra* há a volta aos amigos que elucidam esse movimento constante entre solidão e companhia, ambas como multiplicidade da vida não excludentes.

Minha humanidade é uma contínua superação de mim mesmo – Mas tenho necessidade de solidão, quer dizer, recuperação, retorno a mim, respiração de ar livre, leve, alegre... Todo o meu Zaratustra é um ditirambo à solidão, ou, se fui compreendido, à pureza... Felizmente não à pura tolice. (NIETZSCHE, 2008, p. 31)

Doravante, a filosofia nietzschiana é conceituada pelo autor de ditirambo de solidão, esclarecendo essa importância de ser solitário para a transmutação incessante de

si. Assim, apesar de ser crítico da religião, o autor, ao denominar sua filosofia como ditirambo remete aos rituais de Dioniso, nos quais havia dança e canto, apesar das dores. E, eram momentos em que se podia afastar da moral das cidades gregas, o descomedimento era totalmente permitido. Logo, apesar de diferir totalmente das transcendências do cristianismo, é o símbolo da solidão que Nietzsche constrói para confrontá-lo, mesmo sendo um aspecto em comum, Cristo e Dioniso são solitários com atitudes distintas, um recai ao rebanho com o martírio do próprio corpo, assim como os eremitas seguidores do mesmo, o outro celebra a vida-corpo.

Na literatura e poesia, um autor que prezava pela solidão era Bukowski, suas obras mostram personagens que não conseguem se adaptar às regras sociais. Assim, as figuras construídas por ele, não conseguem escrever ou criar em meio às multidões. Em contraposição, apesar dessa valoração do solitário, é em meio a relações conturbadas que suas histórias acontecem. Os escritores-personagens de maneira rude sempre desprezam bajuladores, porém buscam sempre abandonar a solidão, se colocando em relacionamentos efêmeros e destrutivos.

A solidão era meu ás de espadas, precisava dela para engrandecer minha realidade. Eu valorizava de verdade o ócio, era viciante. Estar sozinho comigo mesmo era o santuário. Certa vez numa cidade descobri um cemitério abandonado e lá eu dormia ressecado, com o sol a pino. Em outra cidade, ficava sentado horas a fio olhando para um canal sujo e fedorento, sem pensar realmente em nada. Eu precisava de horas, dias, semanas, anos para mim mesmo. (BUKOWSKI, 2011, p. 201)

Portanto, encontramos trechos como o anterior, inúmeras vezes, prezando o silêncio e o estar só. Por conseguinte, se tem uma exemplificação totalmente profana da solidão, que se aproxima da religiosidade, o autor utiliza a metáfora do santuário por não haver nenhuma outra palavra que elucide melhor o sentimento da solidão. Porém, quando o escritor determina o tempo, “horas, dias, semanas, anos” mostra que não é um aspecto de isolamento eterno, apesar do prolongamento da solidão, a existência demanda essa movimentação e multiplicidade.

A cantora brasileira Ana Lrousse tem em suas composições a presença constante da solidão. A letra de autoria da cantora e compositora intitulada *Tanta gente* narra sobre a contemporaneidade, apesar do grande número de seres humanos à nossa

volta, estamos constantemente sós. Dessa maneira, ela coloca os aspectos sombrios de choro e melancolia ao assistir o noticiário, mas também coloca a característica da alegria profunda de esquecimento do que está a sua volta ao se entregar às coisas prazerosas na solidão. Esta composição mostra a ambiguidade da vida, o sentimento da solidão é, apesar de tudo, compartilhado.

Se abandonar um pouco do que não faz bem. É, eu também acho ruim. Fingir sorrir quando tudo o que se quer é chamar o fim. E ele sequer vem. Ele sequer vem. E eu sei que você só quer se desprender desses dias ruins. E eu sei que você se sente só. Mas sinto muito, eu também me sinto só. (LAROUSSE, 2013)

Destarte, solidão é uma necessidade humana entrelaçada à companhia, são circunstâncias interdependentes, assim como, inúmeras outras faces da existência. Ademais, apesar de a solidão ser colocada em oposição à sociedade, para se ter cidadãos que prezam pela busca de autenticidade, necessita de espaços em que se questionam atitudes guiadas. Assim, uma solidão sem motivação de força é insuficiente e, uma sociedade sem cidadãos que destroem a moral de fardo, para construir algo que identifica o desejo da própria época, é uma cultura decadente e presa aos preceitos retrógrados dos anteriores.

Desse modo, a solidão é relacionada ao que Nietzsche descreve enquanto filosofia trágica, isto é, o acolhimento da vida em seus infortúnios e alegrias, pois estar só gera a assimilação dos instintos, pensamentos, convicções e maleabilidades internas. Essa compreensão faz com que os seres humanos afirmem melhor suas potencialidades beneficiando sua construção para consigo e na alteridade. Sendo assim, o devir humano requer solidão, na constância e na impermanência os homens carecem de estar sós para poderem afirmar a vida.

Considerações finais

Então, vimos que os seres humanos estão constantemente formulando significações para a existência, sejam elas vinculadas à religião ou seculares. Assim, entender o papel da solidão enquanto arquetípica, ou seja, nascida diretamente do inconsciente e partilhada pela humanidade em épocas distintas, compreendemos que o

estado solitário é imprescindível para a criação de sentido para a vida. Sendo assim, consideramos o tema da solidão e suas decorrências como relevantes para a filosofia, visto que, o isolamento e as interações são problemáticas presentes desde a antiguidade. Logo, essa discussão permeou as mais distintas épocas históricas estruturando solitários variados ao longo do tempo.

Independentemente de a solidão ter uma justificativa sagrada ou profana destacamos a importância para a autenticidade humana a compreensão que de alguma maneira todos estão sós, mesmo que a sociedade e o ambiente interfiram no processo de deliberação é enquanto solitário que o ser humano se torna autônomo e responsável. Além disso, a vida enquanto movimento exige que o tempo dos homens sejam divididos entre convivência e afastamento, pois este movimento se torna um campo fértil para recepcionar a existência em meio às pluralidades.

Assim, a solidão, por mais sutil que seja, é notada nas narrativas mitológicas e em narrativas profanas. Portanto, os solitários estão em trajetórias na busca de se tornarem quem são através de transformações, da consciência de suas dores e prazeres. Sendo assim, o símbolo da solidão, tanto no mito quanto nas histórias comuns, carrega a alegria profunda, ou seja, o sorriso que conhece os sofrimentos, um sentimento trágico somado ao amor pela existência. Dessa maneira, de modo paradoxal escolhemos e estamos destinados de algum modo a estarmos sós, eventos da maior importância existencial ocorrem na solidão, apesar de constituírem também episódios do âmbito social, como a morte, a perda em vida dos outros, as escolhas singulares entre outros imbricam no arquétipo solitário.

Referências Bibliográficas

- BRANDÃO, J. **Mitologia grega**. Rio de Janeiro: Vozes, 1986-1987. Vol. I-III.
- BUKOWSKI, C. **Pedaços de um caderno manchado de vinho**. Porto Alegre: L & PM, 2011.
- CAMUS, A. **O mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- DELEUZE, G. **Nietzsche e a filosofia**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.
- ELIADE, M. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

- FRANCO FERRAZ, M. **O bufão dos deuses**. São Paulo: N-1 Edições, 2017.
- GRIMAL, P. **Dicionário da mitologia grega e romana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- MINOIS, G. **História da solidão e dos solitários**. São Paulo: Unesp, 2019.
- JUNG, C. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2016.
- LAROUSSE, A. **Tanta gente**. Curitiba: Single, 2013. Disponível em: <https://soundcloud.com/ana-larousse/tanta-gente>.
- LORCA, F. **Canciones**. Madrid: Espasa-Calpe, 1986.
- NIETZSCHE, F. **Além do bem e do mal**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- NIETZSCHE, F. **Aurora**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2018.
- NIETZSCHE, F. **Ecce homo**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.
- NIETZSCHE, F. **Sobre verdade e mentira no sentido extramoral**. São Paulo: Hedra, 2007.
- VERNANT, J-P. **Mito e religião na Grécia antiga**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- VON FRANZ, M-L. **O caminho dos sonhos**. São Paulo: Cultrix, 1988.
- VON FRANZ, M-L; JUNG, C. **Seu mito em nossa época**. São Paulo: Cultrix, 1975.